



**CIBERFEMINISMOS PLURAIS PARA UMA EDUCAÇÃO INTERSECCIONAL E
MULTILETRADA NO/COM O GPDOC/UFRRJ**

**PLURAL CYBERFEMINISMS FOR AN INTERSECTIONAL AND MULTILITERACY EDUCATION
IN/WITH THE GPDOC/UFRRJ**

**CIBERFEMINISMOS PLURALES PARA UNA EDUCACIÓN INTERSECCIONAL Y
MULTIALFABETIZADA EN/CON EL GPDOC/UFRRJ**

Tereza Fernandes¹**RESUMO**

O texto apresenta uma experiência de formação a partir do encontro com o Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GpDoc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pela interface da sua líder e das redes nacional e internacional de pesquisadores/as da área de Educação que este grupo congrega. O objetivo é elucidar a importância de processos formativos, neste em particular, sobre/com os ciberfeminismos plurais e multiletramentos críticos, para a compreensão dos sistemas que estruturam a nossa sociedade: colonialismo, patriarcado, racismo e capitalismo, que atuam em interseção com gênero, raça e classe e operam pelas opressões e violências cotidianas na vida das mulheres. As experiências foram realizadas em diversos momentos e encontros de vida e formação, a partir de 2014, e, ao lançar mão de memórias e experiências vivenciadas, a narrativa tem a intenção de homenagear o GpDoc pelos seus dezoito anos de existência e contribuições e, ao mesmo tempo, agradecer a sua líder, Edméa Santos, por tantas aprendizagens compartilhadas, em uma docência amorosa com a pesquisa, com o conhecimento científico e com a vida de todos/as que se enredam com/neste belo grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa-formação. Multiletramentos Críticos. Interseccionalidade.

RESUMEN

Este texto presenta una experiencia formativa derivada de un encuentro con el Grupo de Investigación en Enseñanza y Cibercultura (GpDoc) de la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro (UFRRJ), a través de la interacción con su líder y las redes nacionales e internacionales de investigadores en el campo de la Educación que este grupo integra. El objetivo es elucidar la importancia de los procesos formativos, en este caso particular, sobre ciberfeminismos plurales y multialfabetizaciones críticas, para comprender los sistemas que estructuran nuestra sociedad: colonialismo, patriarcado, racismo y capitalismo, que se interrelacionan con género, raza y clase, y operan a través de las opresiones y la violencia cotidianas en la vida de las mujeres. Las experiencias se llevaron a cabo en diversos momentos y encuentros de la vida y la formación, a partir de 2014, y, recurriendo a recuerdos y experiencias

Submetido em: 21/11/2025 – **Aceito em:** 16/02/2026 – **Publicado em:** 15/03/2026

¹Professora Associada do Instituto de Educação (IE) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com doutoramento sanduiche pela Universidade Aberta - Portugal. Mestre em Educação pela UFMT. Membro do grupo de pesquisa Docência e Cibercultura (GpDoc/UFRRJ) e Líder do grupo de pesquisa Cibercultura, Interseccionalidade e Multiletramentos (GPCIM/UFMT). Email: tereza.fernandes@ufmt.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1040-424X>



vividas, la narrativa pretende honrar a GpDoc por sus dieciocho años de existencia y contribuciones y, al mismo tiempo, agradecer a su líder, Edméa Santos, por tantos aprendizajes compartidos, en una enseñanza amorosa con investigación, con conocimiento científico y con las vidas de todos aquellos que están entrelazados con/en este hermoso grupo.

PALABRAS CLAVE: Investigación-formación. Multialfabetizaciones críticas. Interseccionalidad.

ENCONTROS DE VIDA E FORMAÇÃO ENTRE/COM MULHERES-DOCENTES-PESQUISADORAS

“Efêmero, fugaz e passageiro” (Vivo, Lenine).

Em 2014, logo após a minha chegada em Lisboa-Portugal, para o doutorado Sanduíche na Universidade Aberta (UAb) e ter sido recebida pela minha orientadora Lúcia Amante, em uma reunião do Conselho da Universidade, fui convidada para assistir a um jogo do Brasil e comer a tradicional feijoada brasileira na residência de um casal de pesquisadores brasileiros. Até aquele momento não conhecia Edméa Santos, nossa querida Méa, conhecia apenas Marco Silva de uma palestra na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do seu clássico livro *Sala de Aula Interativa* (Silva, 2012). Então, os conheci naquele dia, na casa deles, ambos estavam em Portugal fazendo pós-doutoramento. O encontro com Méa e Marco e a feijoada foram deliciosos e, a partir dali, juntamente com a minha orientadora Lúcia, fizemos muitas outras atividades juntos/as em terras lusitanas, como: participação em eventos, passeios culturais, viagens etc.

Com Méa foi um encontro que considero ser, conforme Josso (2006), um encontro com uma ‘figura de ligação’. Aquele encontro que possibilita que laços sejam atados. Uma ligação com o outro e um religar consigo mesma. Um encontro fundamental para compreender que a minha história de vida se articulava ou poderia se articular com o meu processo de (trans)formação pessoal e acadêmico, diante dos desafios da minha própria existência. Uma trama de fios que nos ligaram a outros fios e nós, em uma rede autêntica, criativa e de espaços de liberdade para aprender a habitar de modo diferente o mundo. Foi um encontro, sobretudo, entre mulheres,



docentes e pesquisadoras, que possuem subjetividades, desejos e, principalmente, muita vida vivida fora da academia.

A minha orientadora de doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Dulce Márcia Cruz, a Lúcia da UAb e a Méa, na época da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), se conheciam, pois todas são da área de Educação e Comunicação. Para além disso, Méa me colocou em contato com as professoras brasileiras que eram orientandas das minhas orientadoras e de outras colegas e fomos formando uma rede de pesquisadoras brasileiras em Portugal. Nessa rede pesquisamos, convivemos e ampliamos repertórios pela Europa, em trocas autênticas, criadoras e criativas. Experiências de vida e formação que resultaram em compartilhamento de casa em Portugal, deram origem a um evento organizado lá e a um livro com uma coletânea de textos de pós-graduandos/as brasileiros em Portugal e seus/as orientadores/as, organizado por Mello e Fernandes (2017).

O encontro com Méa se expandiu, quando retornei ao Brasil, à outras pesquisadoras de suas redes e do Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura (GpDoc). Em 2016, Méa foi da minha banca de defesa de tese. Mas, antes disso, houve um encontro em Lisboa em que estivemos juntas com Dulce e Lúcia. Foi muito bacana tê-las juntas, discutimos aspectos da minha pesquisa e compreendi o que poderiam ser os letramentos digitais na ciberultura insurgentes naquele contexto, objeto que me moveu para uma implicação pulsante dali em diante.

Após o doutorado, em 2016, continuei os estudos com a ciberultura e letramentos digitais no grupo de pesquisa Laboratório de Pesquisa sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação – Lêtece do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), ao qual sou profundamente grata à sua fundadora e líder Kátia Morosov Alonso, pelo convite, acolhida e ensinamentos por longos e felizes anos em que lá estive, desde 2017, quando me credenciei como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFMT, para desenvolver e orientar pesquisas com a temática do doutorado.

Em 2020 fui fazer pós-doutoramento com a Méa, agora já na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O meu projeto tinha a intenção de discutir as potencialidades dos multiletramentos na/da cibercultura na educação online, lançando mão da pesquisa-formação na cibercultura (Santos, 2014), porém, veio a pandemia e ficamos com os estudos exclusivamente no online. Era preciso repensar o lugar de praticantes culturais atuantes e produtoras na/com a cibercultura diante dos atravessamentos e subjetivações humanas que **reconfiguraram vidas** e redimensionaram espaços e tempos da formação em outra lógica, ética, estética e política, naquele momento.

Imagem 01: Encontro Presencial Estágio Pós-Doutoral com Edméa Santos na UFRRJ, 2020



Fonte: @fernandes_tere

O registro é do primeiro e único encontro presencial que tivemos naquele período na UFRRJ, pois no dia seguinte foi decretada oficialmente a pandemia de Covid-19 no Brasil. Méa me falou da possível reconfiguração da pesquisa, da necessidade de eu voltar para o estado de Mato Grosso (MT) e, da possibilidade de, naquele momento histórico, nos juntarmos a outras mulheres nas redes sociais para etnografar fenômenos relacionados aos ativismos e autorias de mulheres e seus coletivos na internet. Em um primeiro momento seria buscar dados sobre violência doméstica e feminicídio que estavam aumentando em virtude da reconfiguração da vida doméstica e outros, levantamos também outras possibilidades no âmbito do ciberfeminismo (ainda no singular). Vivemos em uma sociedade opressora e sexista, então, consideramos necessário conhecer essa realidade, para além de uma história única como



ressalta Adichie (2019), bem como, romper com práticas que silenciam a nossa voz, invisibilizam identidades e violam direitos, e com isso, desapropriam-nos do nosso lugar de existência social ou de fala como ensina Ribeiro (2017).

E assim, durante o pós-doutoramento houve muitos encontros online felizes com os/as membros/as do GpDoc e com pesquisadores/as de todo o Brasil. Um desses encontros que foi muito especial, também pela interface da Méa, com Sara Wagner York. E, isso tudo acontecendo no online, a única maneira possível naquele momento. Esse encontro entre mulheres se apresentou, novamente para mim, como uma ‘figura de ligação’ em Josso (2006), pois nos possibilitou “refletir sobre novas dimensões singulares e plurais de nossas vidas” (Josso, 2006, p. 375). Méa e Sara já se conheciam e, generosamente, me acolheram com gesto e olhar relacional e interseccional aos atravessamentos, opressões e violências vividas e caladas em mim, em nós e em tantas mulheres pelo mundo. Esse encontro nos possibilitou pensar nos padrões estruturais com cuja reprodução contribuímos quando não conhecemos ou quando conhecendo nos calamos diante do colonialismo perverso, do racismo estrutural cotidiano, do patriarcado machista e do capitalismo genocida. Mulheres produtoras e mulheres produtos de estruturas sociais hierárquicas e de poder e que, por isso, nossas atuações, lutas e resistências em diversos espaços sociais é fundamental. Um pouco dessa linda e potente experiência está registrado em Fernandes (2023).

Assim, os estudos teóricos sobre o tema e o engajamento em práticas de mulheres feministas e ativistas nas redes sociais, me possibilitaram dar os primeiros passos na compreensão dos operadores simbólicos que afetam a vida das mulheres e que, por isso, as nossas histórias de vida e formação, o nosso grito pelo nosso lugar social, a nossa luta e ativismos por direitos fundamentais como educação pública, gratuita e de qualidade e tantos outros, como ensina hooks (2013), são instrumentos importantes para uma educação como prática da liberdade. Esses disparadores foram fundamentais para despertar em mim o desejo de assumir uma postura ética sobre questões de gênero e interseccionalidade na educação, pensando em processos formativos que autorizem mulheres ao discurso, ao empoderamento, ao enfrentamento às opressões e violências e às resistências ao poder estabelecido.

O estágio de pós-doutoramento foi um misto de acontecimentos, como diz Macedo (2016), no sentido de que, tendo a universidade se transformado em online, a nossa casa virou pública e o mundo passou a ser acessado pelo celular, tudo era encontro que potencializava a pesquisa. Assim, junto com o GpDoc, com a orientação da Méa, foi possível ler, produzir textos científicos, fazer uma de lives formativas com os docentes da UFRRJ, participar de bancas, desenvolver curso de formação online também para os professores da UFRRJ sobre/com o uso de plataformas digitais etc. Enfim, foi um ano intenso, na narrativa a seguir, recorto parte dessas experiências de participação no GpDoc/UFRRJ, tanto em relação às compreensões teóricas e produções intelectuais quanto ao posterior desenvolvimento de dispositivos de pesquisa-formação na prática como docente-pesquisadora no PPGE/UFMT.

O OLHAR PARA UMA COMPREENSÃO DOS CIBERFEMINISMOS E MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO

“Precário, provisório, perecível” (Vivo, Lenine).

Os estudos dos letramentos digitais me acompanham desde o início do doutorado em 2012, com a Dulce na UFSC. No Mestrado pesquisei sobre a Alfabetização do modo convencional como a conhecemos, sem o digital. No pós-doutoramento, com o convite da Méa para que olhássemos para os ativismos, produções e autorias de mulheres em redes sociais na internet, optei por um olhar mais abrangente dos letramentos, a intenção foi olhar para os ciberfeminismos plurais, enquanto fenômeno da cibercultura, pelas lentes dos multiletramentos críticos, concebendo-os pela perspectiva social e abordagem crítica (Street, 2014). Essas compreensões, de certo modo se materializam nos textos de Fernandes, Cruz e Santos (2020), Fernandes, Maciel e Santos (2020), Santos, Ribeiro e Fernandes (2021).

Foi e continua sendo uma construção teórico-metodológica profundamente desafiadora. Do doutorado em diante, contemplei em meus projetos de pesquisa até o momento, a orientação de estudos de mestrado que discutiram letramentos digitais na continuidade do tema da minha tese, letramentos informacionais, letramentos literários, letramentos para jogos digitais que



alfabetizam, letramentos raciais críticos, letramentos culturais e multiletramentos. A minha intenção é continuar aprofundando em meus projetos de pesquisa, trazendo os letramentos e se configuram a partir dos fenômenos emergentes na cibercultura, pelo viés dos multiletramentos críticos.

No pós-doutoramento com a Méa, os ciberfeminismos eram universos desconhecidos. Os primeiros esforços foram em compreender o que era ciberfeminismo (naquele momento ainda o concebíamos no singular), depois com os estudos passamos a compreendê-lo no plural devido a sua abrangência. Com as compreensões sobre o objeto mais ampliadas abarcamos a diversidade de mulheres (negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, ciganas, trans, brancas etc) que desenvolvem ativismos e autorias junto aos seus coletivos na internet, passando aos ciberfeminismos plurais. Esse movimento foi registrado em produções que expressam o modo como as compreensões foram sendo construídas e ampliadas em Fernandes e Santos (2020a, 2020b), Fernandes, Santos e York (2020, 2021 e 2022) e Santos, Fernandes e York (2020, 2022).

Naquele momento, com a reconfiguração do espaço e do tempo mediados pelo digital em rede (Santos, 2014), foi possível vivenciar experiências nas redes sociais relacionando às leituras disparadoras, fazendo o movimento de problematizar a hierarquia social de gênero e os atravessamentos cotidianos da estrutura de poder colonial, patriarcal, racista e capitalista para compreender como a sociedade opressora em que vivemos opera na vida das mulheres de diferentes etnias, contextos sociais e culturais, o que caracteriza, de certo modo, os ciberfeminismos plurais.

Foi importante compreender que o lugar de fala interdito das mulheres, como destaca Ribeiro (2017), é a inexistência, a invisibilidade, o apagamento e a ausência, como marcas sociais que exterminam existências. Foi importante dialogar com “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, de hooks (2013), para relacionar linhas de confrontação das ausências e exclusões e as possibilidades de problematizar de que modo podemos caminhar na educação.

O debate me possibilitou refletir sobre as práticas cotidianas de poder, hierarquia, opressões e violências, que são heranças históricas do colonialismo, do patriarcado, do racismo e do capitalismo. Esses operadores simbólicos afetam profundamente a vida das mulheres e, por isso, as nossas histórias de vida e formação, o nosso grito por um lugar de existência social, deve ser a nossa implicação na educação, para que a nossa docência e pesquisa sejam instrumentos para rompermos o silêncio histórico.

Esses movimentos, a partir do pós-doutoramento, me levaram a assumir uma postura ética sobre questões de gênero e raça e suas intersecções no contexto da educação e pensar processos formativos que autorizem mulheres ao discurso, ao empoderamento, aos enfrentamentos e às resistências ao poder estabelecido. Nesse sentido, a minha pergunta de pesquisa reconfigurou-se para: de que maneira os ativismos e as autorias de mulheres ciberfeministas em redes sociais na internet (Instagram) podem inspirar docências feministas e antiracistas e mobilizar multiletramentos críticos?

Passei a olhar para o meu objeto de estudo na relação com a educação online na cibercultura, estávamos praticando tão intensamente o online naquele momento, então os processos de exclusão digital que a pandemia fazia emergir, em meio às opressões e violências contra as mulheres, estavam escancaradas na internet. O olhar interseccional entre gênero, raça e classe como operadores de opressões e violências históricas, foi fundamental como chave analítica para compreender os sistemas estruturais do colonialismo, patriarcado e capitalismo.

Com a etnografia online na cibercultura, já que não foi possível a pesquisa-formação, fui registrando narrativas e outros fenômenos protagonizados por mulheres no Instagram, entremeados aos acontecimentos pensados/vividos na/com a experiência de participar das/nas redes de formação online com o GpDoc e compreender de que modo aquelas práticas e saberes poderiam ser lidas como multiletramentos críticos na cibercultura (Fernandes; Cruz; Santos, 2020), Fernandes (2022) e, ainda, de que modo poderiam inspirar docências feministas e antirracistas na educação.

EXPERIÊNCIAS E CRIAÇÕES APÓS O ESTÁGIO DE PÓS- DOUTORAMENTO

“Não acabado, não definitivo” (Vivo, Lenine).

Ao retornar para a minha docência e pesquisas no PPGE/UFMT, trouxe a discussão do tema para as minhas orientações, pesquisas e dispositivos de pesquisa-formação, passando a constituir um dos eixos do meu projeto de pesquisa “Processos Formativos, Práticas Sociais e Ciberfeministas em Contextos Plurais: multiletramentos críticos e implicações para a educação (presencial e *on-line*) na ciberultura”, registrado na Pro-Reitoria de Pesquisa (PROPesq/UFMT) e desenvolvido a partir de maio de 2021. A cada três anos esse projeto é renovado, a área e a Educação, e ciberultura e ciberfeminismos, interseccionalidade e multiletramentos críticos são os três eixos estruturantes.

Com o objetivo de compreender como processos formativos e práticas na universidade, na escola e no ciberespaço (redes sociais) com o uso de tecnologias digitais em rede podem contribuir para desenvolver multiletramentos críticos em docentes, estudantes e mulheres ciberfeministas e analisar suas implicações para/na educação, ações e dispositivos de pesquisa-formação, frutos das pesquisas e discussões que fiz no pós-doutoramento, demarcando uma opção política em relação ao foco no estudo, o que me levou a criar, juntamente com as minhas orientandas de mestrado e doutorado, em outubro de 2025, o Grupo de Pesquisa Ciberultura, Interseccionalidade e Multiletramentos (GPCIM/PPGE/UFMT).

Imagem 02: Orientação Coletiva**Fonte:** Acervo do GPCIM, 2025.

Retomando o ano de 2021, a primeira ação após o pós-doc foi a realização de um Seminários Temático² na minha linha de pesquisa no PPGE/UFMT, com a participação dos docentes e discentes grupo de pesquisa Lêtece e comunidade externa. Esse seminário temático foi grandioso e, ao mesmo tempo, um reencontro com Méa e Sara, podendo trazê-las para o contexto mato-grossense, de forma online. Com o tema Ciberfeminismos Plurais e Multiletramentos Críticos em Tempos de Pandemia, realizado em 2021/2, com diversas atividades, com o objetivo de promover debates transversalizantes na Educação, em diálogo com outras estéticas e políticas, as quais não se separam das raízes ideológicas, identitárias, de gênero, de discurso e de inclusão social, como espaços de poder, disputas e de atuação dos ciberfeminismos plurais, buscando a relação entre os ativismos, protagonismos e autorias de mulheres, enquanto potencializadoras de multiletramentos críticos em si mesmas e em outras mulheres.

² Site do evento: www.seminariotematicoletece.com.br

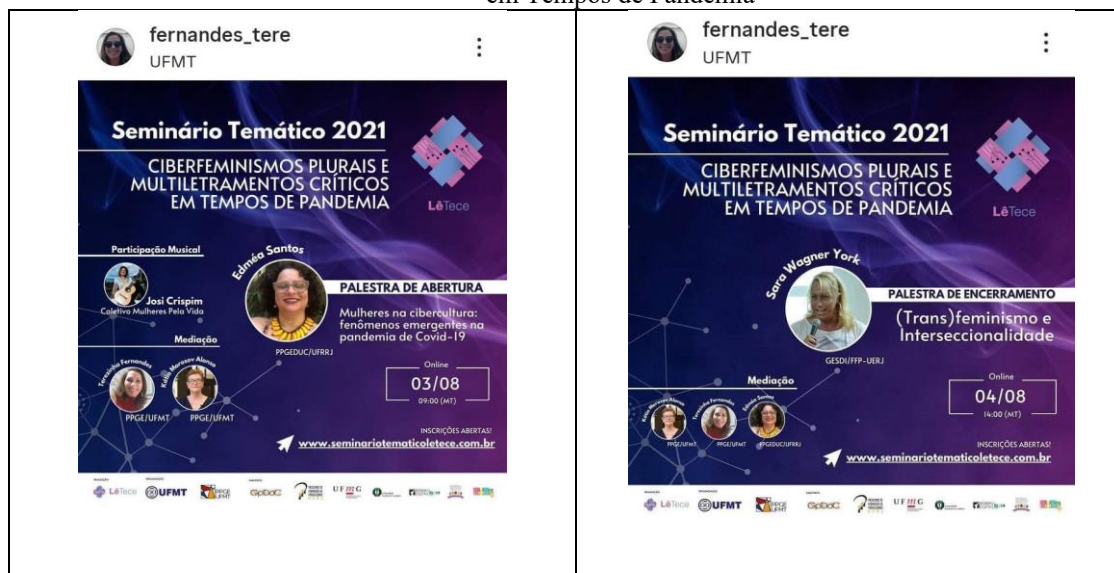
Vídeo no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UC159uKYtkzmhd1-h6gS0XSQ/videos>

Matérias no site da UFMT: <https://ufmt.br/noticias/seminario-do-letece-aborda-ciberfeminismos-plurais-1626436710>

<https://www.ufmt.br/noticias/seminario-tematico-letece-2021-1625597215>



Imagem 3: Cards das Palestras do Seminário Temático “Ciberfeminismos Plurais e Multiletramentos Críticos em Tempos de Pandemia”



Fonte: www.seminariotematicotece.com.br

Dentre outras atividades, a programação contou com palestra de abertura - Mulheres na cibercultura: fenômenos emergentes na pandemia de Covid-19, proferida por Méa; Oficinas de práticas educativas com tecnologias digitais, realizadas pelos discentes do grupo de pesquisa; Mesa redonda - Protagonismos, autorias e lutas de mulheres na cibercultura, com três grandes temas de debate: - Mulheres e produção científica em tempos de isolamento social: entre o sentir, o cuidar e o tecnológico; - Protagonismo feminino: docência, tecnologias digitais e educação em rede; - Produções discursivas do gênero feminino negro no facebook: pesquisadoras negras em foco, realizada por docentes do grupo e convidadas externas. E a palestra de encerramento - (Trans)feminismo e interseccionalidade, com Sara Wagner York. Todas as atividades foram mediadas pelos docentes e discentes do grupo de pesquisa. Foi um momento lindo e potente de discussões e aprendizagens, em uma dinâmica de conhecimento coletivo e colaborativo. O meu retorno do pós-doc às atividades da minha universidade me levava para um outro lugar de pesquisa, vida e formação.

Após essa experiência o curso de Pedagogia EaD da UFMT me convidou para desenvolver uma atividade de formação que envolvesse o tema violência contra a mulher. Assim surgiu o curso de extensão “(Ciber)Ativismos e Lugares de Existência Social: vozes plurais no combate à



violência contra a mulher”. O curso de extensão foi realizado com as estudantes do curso e comunidade externa, se desenvolveu diversas ações online como conferência, debates, roda de conversa, sarau literário e oficina de produção de narrativas de si com mídias digitais, foram realizadas lives abertas e transmitidas pelo YouTube no canal EMCIP em Rede (https://www.youtube.com/results?search_query=emcip+em+rede), no qual encontram-se os vídeos das atividades síncronas realizadas, como forma a democratizar o acesso ao conteúdo, possibilitando que as participantes acessassem em seu tempo.

Imagem 4: Ambiente Virtual de Aprendizagem curso de Extensão na Pedagogia EaD/UFMT



Fonte: <https://setec.ufmt.br/ava/graduacao-ead/course/view.php?id=272>

O curso com suas convidadas desenvolveu diversas lives abertas para a comunidade que estão disponíveis no Canal EMCIP em Rede³. Sobre essa experiência que realizei juntamente com as minhas orientandas, publicamos um artigo com título homônimo, relatando o trabalho desenvolvido no projeto de extensão, a relação com a pesquisa na pós-graduação e as discussões feitas em torno da problemática em Coronel, Fernandes e Fernandes (2022).

³ Palestra - Lugares - social e de existência: a mulher no mapa da violência

<https://www.youtube.com/watch?v=STUrwSpWMw0&t=3s>

Roda de Conversa - Sororidade e Dororidade: de mãos dadas para enfrentar as dores

<https://www.youtube.com/watch?v=dvQc5x5GWeE>

Conferência - Interseccionalidade: Entrecruzando As Linhas Das Opressões E Violências - Discurso De Ódio Contra A Mulher

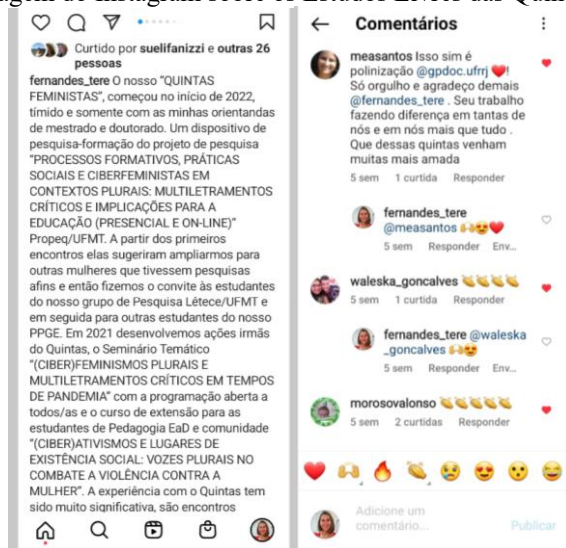
https://www.youtube.com/watch?v=UYK_OFdzMvY&t=1976s

Sarau Literário - Empoderamento: reinventando existências e resistências

<https://www.youtube.com/watch?v=cp4PWvhmYsY>

Após essa experiência percebi que uma formação contínua e aberta para quem tivesse interesse pelo tema seria muito bem-vinda. No início pensei nas minhas orientandas e colegas que pesquisam sobre o tema, porém, ao anunciar no contexto do pequeno grupo de orientandas e elas divulgarem no PPGE, outras estudantes de mestrado e de doutorado também manifestaram interesse em participar. Desse modo, criei o Grupo de Estudos Livres Quintas Ciberfeministas, que se constituiu inicialmente com doze estudantes de pós-graduação que desenvolviam pesquisas afins ou tinham interesse pelo tema e, após, por adesão voluntária outras estudantes e egressas se juntaram, tivemos vinte e duas mulheres, sendo algumas externas de outros estados brasileiros. Os encontros foram realizados quase todos no formato online e foi uma experiência muito bonita e potente.

Imagem 5: Captura de imagem do Instagram sobre os Estudos Livres das Quintas Ciberfeministas



Fonte: @fernandes_tere

Esse dispositivo de pesquisa-formação foi desenvolvido até o início do ano de 2023. Trabalhamos com noções importantes aos ciberfeminismos, os quais havia conhecido no pós-doc e sentia a necessidade de aprofundar, no contexto dos sistemas estruturais que nos atravessam. Em cada encontro de estudo a estudante mediadora contemplava: a) uma obra ou artigo teórico da educação feminista e/ou antirracista; b) conceito/noção teórica a ser mobilizada no debate; c) um livro literário infanto-juvenil correlato ao tema; d) produções artísticas e culturais (digitais) complementares: filmes, *lives*, vídeos, documentários, podcast;



e) uma atividade de produção autoral com as participantes para compartilhamento em redes sociais (narrativas de si, podcast, memes, poemas, contos etc.; e, f) sequência de atividades para na educação básica. Como as participantes eram também professoras da educação básica, a minha intenção é que a formação fosse para a escola com as crianças.

Devido a demandas profissionais de gestão do PPGE, assumidas por mim a partir de abril de 2023, não foi possível dar continuidade a esse dispositivo. A intenção é retomá-lo em 2026, pois ele tem um potencial de formação muito grande, no contexto da educação feminista e antirracista para os multiletramentos críticos. Como resultado desse percurso, em que as nossas atuações, autorias, lutas e resistências pelo nosso lugar de existência social, temos registros em Castro e Fernandes (2024), e na tese da minha egressa de doutorado Fernandes (2025). A partir daí houve inserções minhas e das participantes em coletivos de mulheres, tanto em redes sociais quanto dentro e fora da universidade, sendo espaços importantes de atuação, debate e intervenção na realidade social e educacional, as quais pretendemos tratar em outro texto, a partir das reflexões de Hollanda (2018), sobre a importância dos coletivos de mulheres na atualidade, marcados pela interseccionalidade, empoderamento e sororidade.

No dia três de junho de 2025, momento em que estive no Rio de Janeiro para a posse do meu filho no cargo de Procurador de Contas do Ministério Público do Rio de Janeiro, cheia de orgulho, com o coração carregado de uma alegria infinita, de mulher-mãe que sente e compartilha da felicidade do filho, diante da sua realização profissional e pessoal, conquistadas com muita luta, dedicação e perseverança nos estudos, então, recebi o convite da Méa para passar o dia com o GpDoc na Ciber Roça (UFRRJ). Foi um evento igualmente especial, de retomada às referências teóricas e de mobilização de memórias das experiências de formação anteriores.

Imagem 6: Encontro do GpDoc em 03/06/2025 na UFRRJ

Fonte: @gpdoc.ufrrj

Para participar do encontro mediado pela pós-doutoranda da vez no GpDoc, Maira Pereira, cada participante devia levar uma produção autoral para compartilhar (narrativa de si, diário, carta, crônica, conto, poema, entre outros gêneros), a partir da leitura da obra “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, de bell hooks (2021) e da escolha de um dentre os treze capítulos do livro. A produção devia responder a pergunta: O que seria o amor, afinal?”. Escolhi o capítulo “Honestidade: seja verdadeira com o amor”. E o texto produzido por mim e compartilhado é o que apresento a seguir:

“Ética de vida pelo amor enquanto ato político”

Eram estudos de pós-doc na pandemia

Conheci a abordagem dos ciberfeminismos pela interface de Méa

E, nesse conjunto, as estruturas do colonialismo, patriarcado, racismo e capitalismo

Demorei a relacionar cada conceito, cada significado e seus sentidos

E a política dos sentidos em nós construídos

A partir de então, fiz um retorno à minha infância em SC

Contexto colonialista, patriarcal, racista e classista

Lugar em que nasci e estudei os primeiros anos escolares

Colônia alemã e sua supremacia e superioridade branca

Ali fui uma criança, ora negra ora bugre, até os 12 anos de idade

Por isso era minorizada, discriminada, excluída

Embranqueci ao mudar para o MT

Com as vivências de diversidade experimentadas

Comecei a compreender e acolher a minha história de exclusão



Resgatar o afeto e o respeito que me foram negados na infância
À uma menina negra ou bugra, pobre e campesina
Cabia a subserviência diante da hostilidade, exploração e abuso
Violências e opressões sofridas, calada
Até ali não as identificava como tal

Crescer em um contexto marcado por tais atravessamentos
Imprimem marcas quase irreversíveis na vida
É necessário abraçar essas dores
Olhar para outras mulheres com histórias parecidas e se reconhecer
Em busca de uma compreensão verdadeira sobre amar a si
Para assim, compreender o amor pelo outro, pela sua história e de outras mulheres

Os acontecimentos de vida, as marcas, as dores são singulares
Por isso, é tão importante compartilhar vivências
Ouvir outras histórias e reelaborar as próprias experiências
Essas práticas ocorreram entre 2021 e 2022 nas Quintas Ciberfeministas
Um espaço de leitura, debates, reflexões e afetos, em continuidade aos estudos do pós-doutoramento
Mediado por mulheres, leituras e narrativas formadoras e transformadoras

Olhar para a vida e seus atravessamentos com amorosidade
Me fez deixar guardado dentro de mim um espaço de potência
No início de 2023 imprimir em meu perfil no Whatsaap a frase de bell hokcs “o amor é o que o amor faz” e
complementei com a minha compreensão – É um ato de vontade, é uma ação, é uma escolha
Naquele momento, o meu amor enquanto ação e ato de vontade com toda a sua potência estavam voltado para a
Pós-graduação
Entendendo que é necessário praticar essa vontade e essa escolha diariamente no que nos propomos a fazer

Mas, não fui honesta o suficiente para praticar essa verdade em toda a sua potência
Negligenciei o amor por mim mesma, pelas experiências de afeto em outras redes
Por dois anos me afastei da ética amorosa que havia me comprometido na vida pessoal, na minha docência e na
pesquisa que discute, reflete, vive
Me senti afastada da minha verdade, com a mesma intensidade que senti o abandono do cuidado e do afeto na
infância como menina negra ou bugra, pobre e campesina
Mas, tudo na vida vale, se olharmos para as experiências com amorosidade pelo que foram, pelos aprendizados e
pelos possíveis legados

A luta é diária, buscar a potência transformadora do amor é uma ação política
Portanto, é necessário o esforço para o retorno ao que nos nutre
Amar o que nos move para a responsabilização contra a opressão, violência e dominação
Na vida pessoal, no meio acadêmico e na Educação de modo geral
É convocar a nós mesmas a formar e nos formar para uma ética amorosa
Para que possamos contribuir com mudanças na Educação, mas, sobretudo em nós mesmas

Cuidado, compromisso, responsabilidade, respeito e confiança
Ética de vida pelo amor enquanto ato político
É resistência, autoamor, cura, esperança, justiça, lealdade e reciprocidade
É uma busca constante pela minha honestidade de amor
O que, certamente, se materializará em outros dispositivos formacionais ciberfeministas plurais para os
multiletramentos críticos (Tereza Fernandes, 03/06/2025).



Todos os movimentos feitos com os estudos ciberfeministas contribuíram para a minha autorização ao discurso, como em Ribeiro (2017), em relação aos sentidos do texto compartilhado, que conta como olhei para a minha constituição subjetiva e virada nas pesquisas depois do pós-doutoramento, feito com Méa. As mudanças que uma formação pode operar em nós, em relação à educação como prática libertadora e de liberdade (hooks, 2013), pode ser materializada também pela mudança que fiz em meu nome, em 2023, de Terezinha Fernandes Martins de Souza para, simples e amorosamente comigo mesma, Tereza Fernandes. Nessa mesma horizontalidade, está a criação do GPCIM, como espaço de potência para discussões que nutro interesse a afinidade nas pesquisas desenvolvidas na pós-graduação.

Para romper com os sistemas estruturais patriarcal, colonialista, racista e capitalista, naturalizados e normalizados nas relações entre homens e mulheres é necessário um árduo trabalho de formação na universidade, na escola, nas redes sociais na internet e em quaisquer outros espaços possíveis, para uma Educação que aponte outros caminhos.

ONDE CHEGAMOS OU QUEREMOS CHEGAR?

“Incerto, incompleto e inconstante” (Vivo, Lenine).

Os atravessamentos cotidianos nos fazem perceber que quando não questionamos os conhecimentos construídos com as nossas próprias docências e pesquisas, também podemos contribuir para perpetuar estruturas de opressão e violência, pois, como mulheres também somos produtoras e produtos destas estruturas sociais hierárquicas e de poder. Por isso, é necessário compreender que, para a descolonização das nossas práticas de formação precisamos atuar de forma interseccional, para saber reconhecer os mecanismos pelos quais se apropriam das nossas mentes, dos nossos corpos e da nossa existência social, provocando opressões. Segundo Davis (2016), para romper com a lógica opressora, é preciso irmos além de ocupar espaços de poder, é necessário interligar lutas e desagregar valores democráticos de valores capitalistas que atingem principalmente as mulheres.

Nessa direção, as formações realizadas desde o pós-doutoramento, as orientações de mestrado e doutorado e os dispositivos desenvolvidos me possibilitaram levantar alguns resultados e desdobramentos que auxiliarão na continuidade dos processos de pesquisa-formação em meus projetos de pesquisa na pós-graduação.

Quadro 1: Síntese para a elaboração de dimensões dos Multiletramentos críticos e dos Ciberfeminismos Plurais

Multiletramentos críticos	Ciberfeminismos Plurais
- debate entre universidade e escola sobre as relações de gênero, raça e classe/renda como sistemas que se interseccionam, estruturam a sociedade e geram opressões e violências contra as mulheres - educação feminista e antirracista para romper com a lógica patriarcal e fortalecer uma rede educativa entre as mulheres estudantes e professoras na construção de práticas transformadoras - aprofundamento de leituras em fontes teóricas sobre os feminismos - levantamento de dados estatísticos sobre violência contra a mulher - mapeamento de práticas cotidianas de vida de mulheres ativistas no ciberespaço - participação em eventos online com palestras e formações em formato de extensão - produção de conhecimentos relacionados para mídias sociais de grade alcance - desenvolvimento de subprojetos na/com a universidade e rede de educação básica - produção científica para educar mulheres feministas e antirracistas - subsidiar políticas públicas envolvendo: condições socioeconômicas das mulheres; inserção no mundo do trabalho; maternidade; formação universitária (graduação e pós-graduação); inclusão/exclusão digital e ciber cultural; formação para o enfrentamento aos sistemas do colonialismo, patriarcado, racismo e capitalismo e suas opressões e violências na vida das mulheres (machismo, racismo, sexismo) - levantar outras dimensões dos multiletramentos críticos relacionados aos ciberfeminismos para aprofundamento teórico.	- postura ética sobre questões de gênero e sexualidade na educação, pensando em processos formativos que autorizem mulheres ao discurso, ao empoderamento, ao enfrentamento e às resistências ao poder estabelecido em nossa sociedade; - percepção da dialética entre o propositivo, o reflexivo e o analítico: o Propositivo - o meu olhar para/com a atuação de mulheres; o Reflexivo - o meu olhar sobre/com as interações e mediações de mulheres; e, o Analítico - o meu olhar para compreender as narrativas e autorias de e com mulheres e dialogar nos/com coletivos de mulheres que habitavam as redes sociais; - Pensar nos padrões estruturais com cuja reprodução contribuimos quando nos calamos diante das práticas do colonialismo perverso, do racismo estrutural, do patriarcado machista e do capitalismo genocida. E que somos, ao mesmo tempo, mulheres produtoras e mulheres produtos de estruturas sociais hierárquicas e de poder, e que por isso, nossas atuações, lutas e resistências em diversos espaços sociais é fundamental para romper com práticas que silenciam a nossa voz, invisibilizam identidades e violam direitos, e com isso, desapropriam-nos do nosso lugar de existência social; - O engajamento em práticas de mulheres nas redes sociais, me possibilitaram refletir sobre os operadores simbólicos que afetam profundamente a vida das mulheres e que, por isso, as nossas histórias de vida e formação, o nosso grito pelo nosso lugar social, a nossa luta e s nossos ativismos por direitos fundamentais como educação pública, gratuita e de qualidade e tantos outros, são como ensina hooks (2013), instrumentos importantes para uma educação como prática da liberdade; - Desafio na universidade é o enfrentamento às estruturas sociais opressoras da nossa sociedade, de busca pelas autorias, protagonismos, invenções e co-criações e, principalmente, de busca de empoderamento coletivo das mulheres.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2025.

É necessário compreender tais relações e dialogar com elas, ampliando o olhar para os abismos que operam no colonialismo, patriarcado e racismo enquanto formas de sociabilidade que



separam o universo entre homens e mulheres em um sistema de dominação capitalista. Compreender tais relações, sintetizando-as em forma de dimensões dos multiletramentos críticos e dos ciberfeminismos plurais, favorecem a formação de professores para reconhecer as opressões e violências que atravessam a vida das mulheres e buscar lugares de reflexão e superação. Nesse sentido, é urgente uma prática educativa feminista e antirracista como opção e ato político, como nos ensina hooks (2013).

É necessário operar em nosso contexto social e político, cada vez mais polarizado e caótico, pela via da insurgência, da revolta e da resistência contra o poder estabelecido, para permanecermos juntas lutando, na universidade, na escola e na vida, para que cada vez mais, mulheres plurais: negras, trans, indígenas, camponesas, ribeirinhas, pantaneiras, quilombolas, ciganas e outras, ocupem seus lugares sociais e exerçam a sua cidadania multiletrada e crítica.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CASTRO, M. M. Michele; FERNANDES, Tereza. A Invisibilidade da Mãe Cientista: articulando gênero, maternidade, ciência e tecnologias. **Diversidade e Educação**. [S. l.], v. 12, n. 2, p. 467–497, 2024. DOI: 10.14295 - v. 12, n. 2, p. 467-487, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/18115>

CORONEL, Renata Cristiane Martins. SILVA, Iracema Cristina Fernandes. FERNANDES, Terezinha. (Ciber)Ativismos e Lugares de Existência Social: vozes plurais no combate à violência contra a mulher. **Revista Docência e Cibercultura**. v. 6, n. 2 (2022). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/65642>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.



HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letrass, 2018.

JOSSO, Marie Christine. As Figuras de Ligação nos Relatos de Formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

FERNANDES, Terezinha. CRUZ, Dulce Márcia. SANTOS, Edméa. Perspectiva social e abordagem crítica dos multiletramentos na cibercultura. **Revista UFG**, 2020, V.20, p.2-27. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63266>

FERNANDES, Terezinha. MACIEL, Cristiano. SANTOS, Edméa (Org). **Multiletramentos e linguagens multimodais**. Cuiabá: EdUFMT, 2020. 2 v. (Coleção Educação a distância; v. 15). Disponível em: <https://www.edufmt.com.br/product-page/educa%C3%A7%C3%A3o-a-dist%C3%A2ncia-multiletramentos-e-linguagens-multimodais-vol-1>

FERNANDES, Terezinha. MACIEL, Cristiano. SANTOS, Edméa (Org). **Multiletramentos e linguagens multimodais**. Cuiabá: EdUFMT, 2020. 2 v. (Coleção Educação a distância; v. 16). Disponível em: <https://www.edufmt.com.br/product-page/educa%C3%A7%C3%A3o-a-dist%C3%A2ncia-multiletramentos-e-linguagens-multimodais-vol-2>
ISBN: 9786555880359

FERNANDES, Terezinha. SANTOS, Edméa. Práticas ciberfeministas em redes sociais e multiletramentos críticos na pandemia. In HARDAGH, Claudia Coelho; FOFONCA, Eduardo; CAMAS, Nuria Pons Vilardell. **Processos Formativos, Tecnologias Imersivas e Novos Letramentos: convergências e desdobramentos**. (Coletânea). BG Editora Business Graphics. Editora Colaborativa. 1 Ed. 2020a. Disponível em: http://midiasemmediacoes.edumatec.net/moodle/pluginfile.php/1029/mod_resource/content/1/Livro%20Processos%20formativos.pdf

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa. Ciberfeminismo e multiletramentos críticos na cibercultura. **Educar em Revista**, [S.l.], dec. 2020b. v. 36 Curitiba 2020. p. 1 a 18. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/76124>

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa; YORK, Sara Wagner. Ciberfeminismos e expressões contemporâneas: pluralidade de vozes e ativismos. **SBC Horizontes**, mai. 2021. Disponível em: <https://horizontes.sbc.org.br/index.php/2021/06/ciberfeminismos-e-expressoos-contemporaneas-pluralidade-de-vozes-e-ativismos/>

FERNANDES. Terezinha. SANTOS, Edméa. YORK, Sara Wagner. Ciberfeminismo em tempos de pandemia de COVID-19: *lives* e seus multiletramentos críticos. **Revista Binacional**



Brasil Argentina: diálogo entre as ciências. 2020. p. 82-101. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/7788/5312>

FERNANDES, Terezinha. SANTOS, Edméa. YORK. Sara Wagner. Dispositivos ciberfeministas no Instagram: as autorias educ-ativas em contexto de Covid-19. **Revista Entreideias**. UFBA. v. 11 n. 1 (2022): Pedagogias do presente: como nos tornamos o que somos? Salvador, v. 11, n. 1, p. 5-80, jan/abr 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45468/26687>

FERNANDES, Terezinha. Multiletramentos críticos em contexto ciber cultural. In FERNANDES, Terezinha. SANTOS, Edméa. YORK. Sara Wagner. Dispositivos ciberfeministas no Instagram: as autorias educ-ativas em contexto de Covid-19. **Revista Entreideias**. UFBA. v. 11 n. 1 (2022): Pedagogias do presente: como nos tornamos o que somos? Salvador, v. 11, n. 1, p. 5-80, jan/abr 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45468/26687>

FERNANDES, Terezinha. Docência e pesquisa na pandemia: universidade e pesquisadora-docente *online* e mulheres em/nas redes. In MILL, Daniel. OLIVEIRA, Camila. VELOSO, Braian. ROCHA, Katia Gardência. SANTIAGO, Glauber. PARESHI, Claudinei Zagui (Orgs). **Diálogos sobre a Educação à Distância, presencial e híbrida: reflexões, estratégias e proposições**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2023.

FERNANDES, Iracema Cristina. **Desenho didático interativo online na educação superior como dispositivo interseccional de formação**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2025.

MACEDO, Roberto Sidney. **A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais**. Salvador: EDUFBA, 2016.

MELLO, Diene Eire. FERNANDES, Terezinha (Org). **Ensino Superior, Educação a Distância e E-Learning: práticas e desafios**. Santo Tirso: WhiteBooks, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Edméa. FERNANDES, Terezinha. YORK. Sara Wagner. **Ciberfeminismo em tempos de pandemia Covid-19: lives (trans)feministas**. Revista Docência e Cibercultura. Online, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1123>

SANTOS, Edméa. Mayra, RIBEIRO, Terezinha, FERNANDES. Ciberformação Docente em Contexto de Pandemia: multiletramentos críticos em potência. In KERSH, Dorotea Frank (Org.)

Multiletramentos na Pandemia: aprendizagens na, para e além da escola. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. Disponível



em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/educacao/multiletramentosnapandemia/index.html>

SANTOS, Edmea Santos. FERNANDES, Terezinha. YORK, Sara Wagner. Cyberfeminist devices on Instagram: authorship in the COVID/19 pandemic. In LINHARES, Ronaldo Nunes. FREIRE, Valéria Pinto. CHAGAS, Alexandre Meneses. **Comunicação, educação e sociedade: dialogicidade e esperar é fundamental**. Aracaju-SE: EDUNIT, 2022a. 206 p. Disponível em: <https://editoratiradentes.com.br/e-book/comunicacao-educacao-e-sociedade.pdf>

SANTOS, Edméa. FERNANDES, Terezinha. YORK, Sara Wagner. **Ciberfeminismos e Cibereducações: narrativas de mulheres durante a pandemia de Covid-19**. Salvador: EdUFBA, 2022, 168 p. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36098/1/Ciberfeminismos%20e%20cibereduca%C3%A7%C3%B5es-ri.pdf>

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Portugal: Whitebooks, 2014.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa: educação, comunicação, mídia clássica**. 6 Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.